

Vidreiros Bávaros na Península Ibérica¹

As famílias de vidreiros Eder e Hahn, que emigraram por volta de 1740

por Georg Paulus

Os vidreiros são conhecidos pela sua mobilidade. Na pesquisa sobre as fábricas de vidro, cujo número, no seu auge, do século XVII ao XIX, chegava às duzentas nos territórios da Baviera e da Boémia,² encontram-se sempre as mesmas famílias. Quem se quisesse desenvolver como vidreiro, ou mesmo tornar-se autónomo como arrendatário ou dono de uma fábrica de vidro, tinha de viajar grandes distâncias para isso. Não eram raros estes casos, mas também a falência de uma fábrica de vidro impelia os empregados a mudarem-se para outro lugar. A pesquisa sobre a vida dos vidreiros significa, assim, uma pesquisa sobre a história da indústria.

As fábricas de vidro estavam conectadas para além das fronteiras políticas por uma estreita rede de laços familiares. Os vidreiros casavam entre eles, como era costume no passado nas estruturas rurais. As ligações familiares produziam, ainda, cumplicidades no âmbito profissional, as quais mostravam-se úteis para garantir postos de trabalhos recém desocupados nas fábricas de vidro. Muitas vezes um vidreiro ao mudar-se levava consigo um grupo inteiro de colegas ou antigos empregados para trabalhar com ele num novo lugar.

Nem as fronteiras de país, língua ou confissão podiam impedi-los. A começar pela migração de vidreiros venezianos para outros territórios europeus na baixa idade média até a absorção dos especialistas em vidro crown nas fábricas de vidro da Mogúncia e Francónia no começo do século XVIII,³ só para citar alguns exemplos conhecidos, encontra-se na literatura relacionada um número crescente de casos de migrações de vidreiros que trabalharam para empresas vidreiras em outros países da Europa com o seu conhecimento técnico. Neste movimento de migração, os operários das fábricas de vidro dos territórios da Boémia e Baviera também tiveram sua participação. A este grupo pertenciam todos os vidreiros que são tratados neste ensaio e que tomaram parte no desenvolvimento da indústria de vidro de Portugal e Espanha.

¹ Este artigo foi originalmente publicado em língua alemã com o título “Bayerische Glasmacher auf der Iberischen Halbinsel” em: *Blätter des Bayerischen Landesvereins* (BBLF 73), Munique 2010. Traduzido do original em alemão por Rita TEODORO, revisto por Herlander Miguel FRANCISCO.

² Ver Erich GEHRINGER, *Lokalisierung historischer Glashüttenstandorte im Bayerischen Wald*, Bamberg 2000, e Claudia MITTELHAMMER, *Standorte und Entwicklung der Glasindustrie im Šumava-Gebiet*, em: *Regensburger Beiträge zur Regionalgeographie und Raumplanung* 6, Kallmünz 1999, p. 1-62.

³ Ver Werner LOIBL, *Werner: (Fabrik-)Schleichach. Die Geschichte der Glashütte im Steigerwald (1706–1869)*, Rauhenebrach 2006.

Portugal

Marinha Grande: “Quem não sopra, já soprou.”

Desde 1747, que a Marinha Grande é o centro da indústria portuguesa de vidros. A cidade conta com cerca de 30.000 habitantes, situa-se a 150 km a norte de Lisboa e está 90m acima do nível do mar. Entre a cidade e a costa estende-se uma floresta de pinheiros com mais de 110 km² chamada “Pinhal do Rei”. Esta região da floresta era fornecedora de madeira para produção de energia e foi um dos requisitos para o estabelecimento da indústria de vidro em Marinha Grande. Ela é, ainda hoje, a principal actividade económica da cidade. Com o ditado “Quem não sopra, já soprou” torna-se claro que praticamente toda a população da cidade viveu do fabrico do vidro. Desta primeira indústria derivaram outras indústrias modernas, como por exemplo, a de produção de embalagens de plástico, principalmente, a de moldes para a indústria de plástico. Com mais de duzentas firmas que fabricam moldes para a produção de peças plásticas, a região de Marinha Grande é uma das maiores produtoras da Europa.⁴ Na raiz desta tecnologia estavam os moldes para os produtos de vidro.

Na Marinha Grande, o centro da indústria portuguesa de vidro, localizam-se actualmente sete fábricas de vidro, três empresas de grande dimensão, e quatro de menor.⁵ Uma das maiores empresas é a Firma Ricardo Gallo, fundada em 1899, com mais de 100 empregados e uma produção diária de 2 milhões de garrafas e outros produtos relacionados. O actual Presidente, Victor Manuel Gallo, pesquisou as origens dos seus antepassados, o que se revelou uma empreitada difícil porque os livros paroquiais, a fonte genealógica tradicional, terem sido destruídos durante as guerras napoleónicas e isto obrigou a pesquisa em outras fontes documentais. Os primeiros resultados dessa pesquisa foram publicados em 1999 na forma de um estudo aprofundado sobre a empresa no seu centenário.⁶ A partir dessa pesquisa verificou-se que a família Gallo é uma das famílias de vidreiros mais antigas de Portugal. Ela está presente há mais de 250 anos na capital portuguesa do vidro, a Marinha Grande.

Felizmente os livros de contabilidade com a lista de salários da primeira fábrica de vidro de Marinha Grande foram conservados. Daí percebeu-se que os primeiros vidreiros de nome Gallo que apareceram em Portugal originalmente chamavam-se Hahn e vieram da Alemanha.⁷ Hahn é a palavra alemã para Galo. Porém, de onde vêm estes vidreiros alemães? Como eles foram parar a Portugal? E como ganharam seu novo nome?

⁴ http://de.wikipedia.org/wiki/Marinha_Grande (19-06-2009).

⁵ Comunicação pessoal do Sr. Victor Manuel Gallo, Lisboa.

⁶ José M. Amado MENDES – Manuel FERREIRA RODRIGUES, Ricardo Gallo. Um século de tradição e invocação no vidro, 1899–1999, Marinha Grande 1999.

⁷ Jorge CUSTÓDIO, A Real Fábrica de Vidros de Coima (1719–1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII, Lisboa 2002, p. 304-306.

O início em Coima e as primeiras pistas dos vidreiros alemães em Portugal

Após começo modesto, a fabricação de vidros em Portugal teve um desenvolvimento notável em 1719 com a fundação da Real Fábrica de Vidros pelo Rei D. João V. A localização dessa fábrica era junto a Coima, a sul do Tejo, próximo de Lisboa. Até aquela época o mercado de vidro em Portugal era dominado pelas importações, sobretudo do sul da Alemanha e da Boêmia.⁸ A manufatura real em Coima baseou-se, desde o começo, em operários estrangeiros. Os primeiros anos foram plenos de grandes dificuldades técnicas e económicas, que mantiveram a empresa sempre à beira da ruína. De 1737 até 1741, a manufatura foi liderada por Joam Poutz, que sempre procurou aumentar a eficiência da fábrica de vidro pelo uso de mão-de-obra importada. Porém, Poutz não conseguiu evitar a bancarrota da sua firma. Ele mesmo fugiu para o estrangeiro. Como seu sucessor, tivemos o empresário de origem irlandesa, John Beare, um dos que acreditou na manufatura de vidro em Coima.⁹

Do tempo de Beare, cujo nome na língua local foi modificado para João, conservaram-se, felizmente, mais livros de contabilidade. A partir deles podemos concluir que ele quase que exclusivamente só empregava mestres vidreiros alemães, se bem que eles já estavam presentes sob os predecessores de Beare. Entre as 33 pessoas, que constavam numa folha de pagamento datada de 31 de Outubro de 1744, acham-se 13 alemães, dentre os quais os mestres: Valentin Miller, João Miller, Hans Knee, Hans Michael Hann, João George Hann, Adam Eder e João George Hoffer. Como auxiliar encontramos João Meyer e entre os aprendizes, Francisco Miller e Alberto Meyer. Como alimentador da fornalha estava João Meyer, entre as embaladoras estava uma Catarina Meyer.¹⁰ Os nomes, como se vê, estão parcialmente em língua portuguesa.

Devido à notória falta de madeira em Coima, a qual compelia Beare a trazer lenha de longas distâncias, ele esforçou-se para transferir a fábrica de vidro para um local mais vantajoso. Em 1747 ele alcançou este objectivo com a mudança de sua empresa para a Marinha Grande,¹¹ que fica a mais de 150 km para norte, mas que oferecia uma fonte de energia muito melhor. A abundância de lenha do Pinhal do Rei, assim como a expressiva quantidade de areia e salicórnia deveriam colocar a empresa em uma nova condição económica. O longo percurso até Lisboa seria feito por carregadores, que levariam os produtos da Marinha

⁸ Alice WILSON FROTHINGHAM, *Hispanic Glass with Examples in the Collection of The Hispanic Society of America*, New York 1941.

⁹ Ver CUSTÓDIO, *Real Fábrica*, nota 7, p. 100.

¹⁰ Joaquim CORREIA: *A Fábrica dos Vidros de João Beare na Marinha Grande*, Marinha Grande 1999, p. 50-52.

¹¹ *Ibidem*, p. 34.

Grande até à capital.¹² Os vidreiros alemães certamente acompanharam esta mudança, pois encontrámos novamente os mestres nos livros de contabilidade mais antigos de 1755/56.¹³



Fig. 1: O dirigente da fábrica de vidro, John Beare¹⁴

John Beare conduziu a manufactura de vidro como empresa privada com privilégios reais durante 26 anos, dos quais 20 na Marinha Grande. O preço de mercado oscilante da madeira e a constante luta contra a concorrência dos vidros importados de outras nações europeias, sobretudo da Boêmia, levaram a sua empresa novamente a dificuldades financeiras. Em 1767 Beare faliu definitivamente, e sua empresa foi fechada.¹⁵

Depois de dois anos de inactividade a empresa foi retomada sob a direcção do inglês William Stephens (1731–1803), com a garantia de condições favoráveis de investimento e com privilégios reais extensivos.¹⁶ Também Stephens contou com a mesma força de trabalho que já havia servido sob John Beare. Na sua primeira folha de pagamento, de 1769, encontrámos a maioria dos vidreiros alemães conhecidos. Os seus nomes com o passar dos anos mais e mais se ajustaram à língua local e foram encurtados em parte, e pelas folhas de pagamento do período de 1744 a 1769 e pelas poucas mudanças entre os mestres vidreiros, é evidente que se tratavam das mesmas pessoas. Finalmente, em 1769, Johann Georg Hann aparece como João Jorge e Johann Michael Hann como João Miguel, e assim por diante. Aparentemente eles fizeram de seus segundos nomes, o sobrenome. A família Hahn já estava na segunda ou terceira geração na Marinha Grande. Um filho desta família, Johann Hahn, também traduziu seu sobrenome para o português e passou a chamar-se João

¹² Ver WILSON FROTHINGHAM, *Hispanic Glass*, nota 8.

¹³ Ver CORREIA, *Fábrica*, nota 10, p. 25-28.

¹⁴ Medalha concebida por Joaquim Correia; Publicada com a permissão do Prof. Joaquim Correia.

¹⁵ Ver CUSTÓDIO, *Real Fábrica*, nota 7, p. 234-249.

¹⁶ *Ibidem*, p. 234-249.

Gallo. Ele era o mais jovem dos mestres e era o único que não havia trabalhado em Coima. Outros membros evidentes da família Hahn foram citados em 1769 entre os aprendizes: Joaquim Miguel, como filho do mestre João Miguel, assim como João Gallo, filho do mestre de mesmo nome.¹⁷ Este último é o patriarca da dinastia de vidreiros Gallo, que até hoje permanece activa.

Adam Eder. Hahn's Window Glass

150	Copos de 1/2 Can	20	4 1/2
	40	36	3
115	do 1/2 40	46	2
112	menos 2 1/2 40	56	2
a 160 15 = 2 1/4			
Hans Michael Hann at 1/2 1/4			
260	Copos de 1/2 Can	20	13
243	do 40	36	6 1/4
207	do 1/2 40	46	4 1/4
75	Signuras de Agor. P.	50	1 1/4
a 150 15 = 2 1/4 3080			
João Hann at 1/2 1/4			
75	Signuras de Agor. P.	50	1 1/4
225	Copos de 1/2 Can	20	11 1/4
189	do 40	36	5 1/4
58	do 1/2 40	46	1 1/4
192	do 112 menos	56	2
a 150 15 = 2 1/4 3600			
Paula de Lima 1800 9 1/4			

Fig. 2: Fragmento do livro de contabilidade de John Beare de 1755/56 com o nome do vidreiro Adam Eder, Hans Michael Hann e João Hann. Uma notoriedade do livro de contabilidade é que os títulos são em inglês e os subitens são escritos em português.¹⁸

João Jorge Hann Window Glass

132	Empas Whole		
	0 do 11 Pieces		
143	Empas M = 50		78 1/2
6	Empas Verdes de 2 1/2		1200
6	do de 1/2 1/2		
12	P. 3/4 1/2		1314 1/2

Fig. 3: "João Jorge Hann Window Glass" Livro de contabilidade de 1757¹⁹

¹⁷ Ver CORREIA, Fábrica, nota 10, p. 53.

¹⁸ Ibidem, p. 20; Publicado com a permissão do Prof. Joaquim Correia.

¹⁹ Publicado com a permissão do Prof. Joaquim Correia.

Na família de vidreiros Hahn também havia um “Olorik Hon”,²⁰ falecido em 1746 em Coina, o qual trata-se claramente de Ulrich Hahn, o irmão mais velho de Johann Georg Hahn. Isto é comprovado pela junção do nome de sua mulher, Margarethe Müller e dos filhos Johann Michael e Johann Paul. Todos os membros citados dessa família em Portugal podem ser encontrados nos livros paroquiais da sua terra natal.²¹ Ambos os filhos de Ulrich Hahn trabalharam em Coina como vidreiros. O mais novo, Johann Paul, encontrou seu fim trágico na idade de 20 anos. Ele foi esfaqueado até a morte em 12 de Janeiro de 1747.²² Assim apenas restou o filho mais velho de Ulrich, Johann Michael, que após a mudança para Marinha Grande podemos reencontrá-lo como vidreiro.

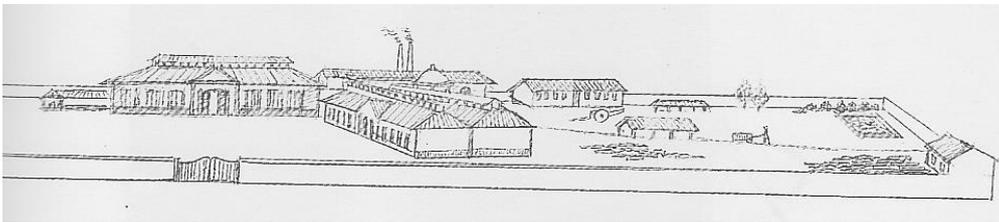


Fig. 4: Representação da Real Fábrica de Vidros na Marinha Grande, 1756²³

O novo empresário da fábrica de vidro, William Stephens, foi claramente mais bem sucedido que os seus predecessores. Isto deu-se também por conta da nova política industrial protecionista do monarca português, D. José I, que estava no poder desde 1750. Sob o governo do seu primeiro-ministro, o qual seria conhecido mais tarde como Marquês de Pombal, foram tomadas inúmeras medidas intervencionistas para se tentar diminuir a dependência económica de Portugal do exterior. Parte deste programa era por um lado a cobrança de pesados impostos de importação e outras barreiras alfandegárias, e por outro lado a fundação e a promoção da produção nacional, às quais pertencia a fábrica de vidro. Este dirigismo mostrou logo os seus sucessos: O reino de Portugal e suas colónias – sobretudo o Brasil – seriam supridos com toda a espécie de vidros da Real Fábrica de Vidros na Marinha Grande. Ela foi, por muito tempo, a única fábrica de vidro em Portugal, como está indicado no relato de 1795].²⁴

²⁰ Ver CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7, p. 137.

²¹ Ver anexo.

²² Ver CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7, p. 136.

²³ Publicado com a permissão do Prof. Joaquim Correia.

²⁴ James Cavanah MURPHY, Travels in Portugal, London 1795, p. 83.

A terra natal dos vidreiros portugueses Hahn/Gallo

Na procura da origem alemã dos seus antepassados, Victor Manuel Gallo foi impulsionado por uma pista de que existiam vidreiros com este nome em certas fábricas de vidro bávaras. Este sobrenome é muito frequente na Alemanha, porém ele não se encontra entre os mais famosos nomes de famílias de vidreiros e também quase não o encontramos entre os menos famosos. De facto, os nomes dos vidreiros que emigraram para Portugal por volta de 1740 encontram-se nas fábricas de vidro a oeste da cidade imperial livre de Ratisbona (Regensburg). Ali existe uma área florestal densa, que era, e ainda é dividida em várias regiões nos âmbitos políticos e administrativos. Dentro das maiores encontram-se a Floresta de Painten, com cerca de 2.300 hectares, e a “Frauenforst” (Floresta de Nossa Senhora), com mais ou menos 2.000 hectares de área.²⁵ Do início do século XVII até o início do século XX havia nestas florestas, entre os rios Schwarze Laber, Altmühl e o Danúbio, várias fábricas de vidro.²⁶ Muitas tiveram uma vida curta. A que sobreviveu por mais tempo foi uma empresa na aldeia de Rothenbügl, localizada na floresta de Painten. Existiu de 1665 até 1878.²⁷ Rothenbügl, ainda é citada como “Gloshittn” (fábrica de vidro) pelo povo. A povoação recebeu o seu actual nome (Rothenbügl) principalmente porque nas regiões vizinhas existiam outras fábricas de vidro – como, por exemplo, em Irlbrunn – era necessária uma nova denominação para diferenciar o local.

As raízes familiares da família de vidreiros Hahn/Gallo

Na fábrica de vidro de Rothenbügl eram empregados vários artífices de diferentes origens geográficas. Muitos vinham da Boémia ou da “Bayerischer Wald” (Floresta Bávara), mas também de outras regiões nas quais o vidro era produzido. Encontravam-se ali vários nomes de vidreiros famosos como Bock, Greiner, Kiesling, Nachtmann, Preisler, Reichenberger, Thumbs e outros. Em contraste com a maioria dos vidreiros empregados neste local, Johann Georg e Ulrich Hahn não tinham as mesmas origens, trabalhando já em Rothenbügl, na década de 1730. Eles não descendiam de uma família tradicional de vidreiros, mas eram sim filhos de um casal de agricultores da vizinha vila de Painten. Ulrich, o mais velho dos dois irmãos, nasceu ainda na velha moradia dos pais em Bügerl, um vilarejo nas proximidades, e foi o primeiro da família a aprender a arte da fabricação de vidro. Seu irmão Johann Georg, que veio ao mundo em Painten no ano de 1700, deve ter-se destacado por um especial talento, aplicando-o no ofício de fundidor de vidro. Nesta função ele sucedeu a

²⁵ Bayerisches Landesamt für Statistik und Datenverarbeitung: Statistische Berichte. Die gemeindefreien Gebiete Bayerns, Stand: 1. Februar 1995.

²⁶ Ver Georg PAULUS, Glasindustrie bei Painten (1630–1932), em: Die Oberpfalz 98, Kallmünz 2010, p. 230-239.

²⁷ Ver Georg PAULUS, Die Geschichte von Rothenbügl, em: Markt Painten (Ed.): Painten in Geschichte und Gegenwart, Painten 2005, p. 372-392.

Wilhelm Greiner na fábrica de vidro de Irlbrunn. Os Greiners pertenciam, ao contrário dos Hahns, a uma velha família de vidreiros. A profissão de fundidor encontrava-se entre as mais importantes e mais visadas funções numa fábrica de vidro.²⁸

A família camponesa Hahn chegou à comarca de Hemau, na região de Palatinado-Neuburg, durante a Guerra dos Trinta Anos. A sua origem é desconhecida e até aquele momento o nome Hahn não era encontrado nas proximidades. Em 1640, Leonhard Hahn e sua futura esposa Bárbara adquiriram uma propriedade na aldeia de Eckertshof. Esta era uma das inúmeras fazendas cujos os donos, no caso um tal de Georg Weinzierl, haviam morrido durante a guerra.²⁹ De Eckertshof a família expandiu-se pela região de Hemau. Um ramo dela mudou-se, durante três gerações, por Langenkreith e Bügerl, chegando finalmente a Painten. Enquanto os dois irmãos mais velhos ocupavam-se na indústria do vidro, o mais novo, Joseph, herdou a fazenda dos pais, que continuou como propriedade da família Hahn até 1818³⁰ possuindo o nome de “Leitenbauer”.³¹

O vidreiro Ulrich Hahn já era adulto em 1720, quando do nascimento de um seu filho bastardo, registado no livro de batismos da paróquia de Painten. Esquivou-se aparentemente da pena aplicada através da fuga. Porém, nos livros da comarca de Hemau não se encontram quaisquer registos do acontecimento.³² Viemos a encontrar o Ulrich Hahn, ainda no mesmo ano, na fábrica de vidro de Schleichach, localizada a 150 km a norte de Painten, no príncipe-bispado de Würzburg.³³ Nesta fábrica de Steigerwald já estavam empregados vários vidreiros de Rothenbügl, para ali levados sob a égide de Jakob Kiesling, que dirigia a fábrica.³⁴ Entre Schleichach e Rothenbügl era comum o intercâmbio tanto de pessoal como de tecnologia.

Em Steigerwald, Ulrich Hahn casou-se ainda no mesmo ano, 1720, com Margarethe Müller, filha de um vidreiro. Depois, aparentemente foi contratado pela fábrica de vidro de Eisfeld, Turíngia (Ducado de Saxônia-Hildburghausen), onde ele aparece no mesmo ano como “fazedor de garrafas, católico, casado com Margarete Müller”.³⁵ Porém, a fábrica de vidro em

²⁸ Ver Ludwig REINER – Willi STEGER – Hans SCHOPF, *Arbeitswelt der Waldglashütten*, Riedlhütte 2004, p. 344.

²⁹ Staatsarchiv Amberg (à frente designado StAAm), Br. Pr. Hemau 51, fol. 5v-6.

³⁰ Vermessungsamt Hemau, Liquidationsprotokolle des Kgl. Landgerichts Hemau im Regenkreise.

³¹ Bischöfliches Zentralarchiv Regensburg (à frente designado BZAR), KB Painten, vol. 12, Familienbuch, p. 50-81.

³² StAAm, Pfleramnt Hemau, R 19 (1720).

³³ Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 3, p. 535.

³⁴ Werner LOIBL, *Die Kieslings. Woher kamen die letzten traditionellen Glasmacher von (Fabrik-)Schleichach?*, em: *Rauhenebracher Jahrbuch* 2005, p. 90-113.

³⁵ Herbert KÜHNERT, *Urkundenbuch zur thüringischen Glashüttengeschichte*, Wiesbaden 1973, p. 155.

Eisfeld interrompeu sua produção por volta de 1723³⁶ e Ulrich Hahn encontrou um novo emprego na fábrica de vidro de Schleichach, em Steigerwald. Ali, em 1723, nasceu a sua filha, Maria Sophia.

Pelo baptismo de cinco crianças entre 1723 e 1734, identifica-se o seu nome naquela localidade³⁷ antes de ele ser encontrado novamente em Rothenbügl no ano de 1737, onde o casal Hahn teve outro filho. Os padrinhos não foram nem mais nem menos do que os então proprietários da fábrica de vidro vizinha de Irlbrunn, Ulrich Fux e sua esposa, Benigna Felicitas.³⁸

Provavelmente Ulrich Hahn introduziu o seu irmão Johann Georg, que era 5 anos mais novo, na guilda dos vidreiros. Ele aparece em 1732 na fábrica de vidro de Rothenbügl quando se casou com Maria Lehner de Viehhausen.³⁹ O casal instalou-se em Rothenbügl, onde teve dois filhos, até que o pai de família se tornou fundidor na fábrica de vidro vizinha de Irlbrunn. A sua permanência é confirmada lá até 1739, quando ele baptizou o seu terceiro filho, Johann, sobre o qual falaremos adiante.⁴⁰



Fig. 5: Locais onde os vidreiros Hahn trabalharam antes de sua emigração para Portugal.

³⁶ Ibidem, p. 155 e 171.

³⁷ Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 3, p. 535.

³⁸ BZAR, KB Painten, vol. 1, p. 187.

³⁹ BZAR, KB Painten, vol. 8, p. 66b.

⁴⁰ BZAR, KB Painten, vol. 1, p. 196.

Entre 1740 e 1741 a produção da fábrica de vidro de Irlbrunn foi interrompida. Pelo menos um dos irmãos, Johann Georg, teve que mudar-se para um novo posto de trabalho. Os rastos de ambos perdem-se após este acontecimento. Mesmo quando as fontes documentais nos falham, pode-se, devido à contínua sequência de nomes e sobrenomes, dos laços familiares, assim como da ligação aos desaparecimentos temporários, presumir que os irmãos foram para Portugal com suas famílias e são os vidreiros alemães “Johann Georg Hann” e “Olorik Hon”, os quais foram registados em Coima no ano de 1740. Em relação aos vidreiros com o mesmo sobrenome mencionados posteriormente, tratam-se dos filhos ou sobrinhos destes irmãos.

A Família de Vidreiros Eder

Entre os vidreiros alemães que apareceram em solo português ao lado dos irmãos Hahn estavam os Eder. Eles têm sua origem nas imediações da fábrica de vidro de Rothenbügl. Os Eder que emigraram para Portugal agruparam-se em torno de Johann Eder, nascido em 1694, e de sua esposa, Úrsula. A esta família pertenciam os filhos Johann Joseph e Lorenz, assim como dois sobrinhos de Johann Eder: Adam e Balthasar Eder.

O Eder mais antigo referenciado em Rothenbügl é o pai de Johann Eder, que também se chamava assim. Este Johann Eder “pai” casou-se em 1672 com Barbara Degenmayer, uma filha do fundador e proprietário da fábrica de vidro de Rothenbügl. No seu registo de casamento Eder é denominado “Vitriflator Natus Haylingbrunnensis”. Ele deve, assim, ter origem de uma localidade boémia produtora de vidro chamada Heilbrunn⁴¹, domínio de Gratzen⁴². Desde 1623 em Wilhelmsberg, perto de Heilbrunn, os condes de Buquoy dirigiam a fábrica de vidro Neuhütten,⁴³ que era uma das mais famosas e avançadas do seu tempo. Johann Eder (pai) trabalhava numa fábrica de vidro do seu sogro em Rothenbügl juntamente com os outros que vinham da Boémia ou da Floresta Bávara. Mas Eder, como genro de Degenmayer era um potencial herdeiro da empresa. O seu dote deve ser devido à sua maestria e aos seus conhecimentos técnicos trazidos da fábrica de vidro da sua terra natal.

Barbara Degenmayer deu à luz nove crianças ao longo dos 18 anos de casamento. Ela morreu na ocasião do nascimento do seu filho Michael Jakob, em Janeiro de 1690. Um ano e meio após a morte da sua primeira mulher, Johann Eder “pai casou-se novamente com Margarethe Ittel de Neunburg vorm Wald. Pouco depois candidatou-se ao posto de mestre

⁴¹ Actualmente: Hojna Voda.

⁴² Actualmente: Nové Hradý.

⁴³ Ver Margarete GRÄFIN VON BUQUOY, Die Glaserzeugung auf der gräflich Buquoyischen Herrschaft Gratzen in Südböhmen, München 1980.

da fábrica de vidro do Conde Wolf Heinrich Nothaft, no domínio de Eisenstein,⁴⁴ onde foi referenciado a partir de 1694.⁴⁵ O seu predecessor neste posto era Johann Christoph Fiedler, um mestre vidreiro de reconhecida capacidade.⁴⁶ Fiedler tentou em vão conseguir a autorização para construir uma segunda fábrica de vidro em Painten.⁴⁷ Antes disso ele havia liderado a fábrica de vidro “*eleitoral*” (propriedade do príncipe-eleitoral) em Lehel, junto a Munique. Já naquela época, Fiedler recrutava vidreiros de Rothenbügl.⁴⁸ Provavelmente, Fiedler ainda tinha contactos em Painten, e deste modo Eder deve ter ouvido falar do posto de trabalho que estava livre em Eisenstein.

Mas Eder manteve-se neste posto de trabalho somente até 1697. Os motivos da sua demissão não são conhecidos. Será que teve problemas neste emprego? De qualquer forma, encontrava-se um Johann Weber no seu lugar em 1697.⁴⁹ Eder voltou para Rothenbügl com a sua família, onde ele trabalhou novamente como vidreiro.

Com a sua segunda esposa, Margarethe Ittel, Eder teve mais sete filhos; dois deles nasceram no período em que viveu em Eisenstein, e os outros em Rothenbügl. Ele morreu de idade avançada nesta cidade em 14 de Junho de 1723.⁵⁰

O filho de Johann Eder, que tinha o mesmo nome, foi quem emigrou posteriormente para Portugal. Ele nasceu no período em que seu pai era mestre da fábrica de vidro de Eisenstein e foi baptizado em 24 de Maio de 1694 em Lam.⁵¹ Nós não sabemos se os seus anos de aprendizagem foram em Rothenbügl, ou mesmo onde ele se casou com a sua esposa Úrsula. De 1718 a 1723 foi identificado como vidreiro em Rothenbügl, onde o casal teve três filhos. Depois deve-se ter empregado em outras fábricas de vidro e ascendido à posição de mestre de fábrica de vidro, e em 1738 ele aparece como arrendatário de uma fábrica de vidro em Vogelsang, perto de Bergreichenstein⁵², na zona oeste da Boémia. Esta era uma das

⁴⁴ Actualmente: Bayerisch Eisenstein.

⁴⁵ Hans-Joachim HÄUPLER, Die Geschichte der ältesten Glashütten in Eisenstein, em: *Minulosti zapa-doceskeho kraja*, 28, 1992, p. 203-204.

⁴⁶ Ver Werner LOIBL, Neues vom Gründer von Fabrikschleichach, em: *Rauhenebracher Jahrbuch* 2004, p. 33-72, e: Olga DRAHOTOVÁ, Late 17th Century Changes in Bohemian Glassmaking, em: *Dedo von KERSENBRÖCK-KORSIGK, Glass of the Alchemists*, Corning 2008, p. 85-86.

⁴⁷ Georg PAULUS, Glasindustrie bei Painten (1630–1932), em: *Die Oberpfalz* 98, Kallmünz 2010, p. 231-239.

⁴⁸ Ernst RITTER, Eine Glashütte vor den Toren Münchens, em: *Der Zwiebelturm*, München 1970, p. 87.

⁴⁹ *Ibidem*,.

⁵⁰ Na certidão de óbito de Johann Eder em 1723, a sua idade é dada como de 90 anos. Esta idade provavelmente está exagerada. Ele deveria ter nascido por volta 1640–1650, e assim, atingiu uma idade superior a 83 anos.

⁵¹ Ver HÄUPLER, *Geschichte*, nota 45, p. 204.

⁵² Actualmente: Kašperské Hory.

fábricas de vidro mais velhas da região de Šumava,⁵³ que naquela época estava na propriedade do convento dominicano de Klattau (Klatovy).⁵⁴

Josef Blau⁵⁵ relata, que a empresa de Eder estava em dificuldades devido a uma praga que atingira o gado e ele estava com as prestações atrasadas. Eder foi preso na torre de Bergreichenstein em 1738. Quando verificaram que, enquanto Eder estivesse preso, ele não poderia ganhar nada e, conseqüentemente, não pagaria nada, os dominicanos concordaram em libertá-lo se ele jurasse não fugir e pagar seus débitos. Eder prestou juramento e deixou a prisão, tornando-se logo de seguida “furtivo e invisível”, como foi relatado.⁵⁶



Fig. 6: Locais onde os vidreiros Eder trabalharam antes de emigrarem para Portugal.

Ainda no mesmo ano encontrámos Johann Eder em Schleichach, na região de Steigerwald, onde foi padrinho de casamento em 22 de Outubro de 1738. Como vários outros vidreiros de Rothenbügl, ele manteve bons relacionamentos com a fábrica de vidro em Steigerwald, onde os outros conterrâneos, entre eles o próprio irmão de Eder, Benedikt, estavam empregados. Johann Eder encontrou ali refúgio e trabalho.⁵⁷

De lá fez novamente a petição para obter um arrendamento de outra fábrica de vidro, desta vez em Eislefeld, Turíngia, por nós já conhecida da vida de Ulrich Hahn. Porém, Eder não foi bem sucedido nesta petição.⁵⁸

⁵³ Ver MITTELHAMMER, Standorte, nota 2, p. 55.

⁵⁴ Josef BLAU, Die Glasmacher im Böhmer- und Bayerwald 2, Kallmünz 1956, p.42.

⁵⁵ Ibidem, p. 42-43.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ver KÜHNERT, Urkundenbuch, nota 35, p. 171.

⁵⁸ Ibidem.

Depois destes infortúnios, a sua fuga de Bergreichenstein e a petição mal sucedida do arrendamento em Eisfeld, Eder decidiu pela emigração. Nós não sabemos quantos filhos ele tinha até ali, e quantos deles ainda estavam vivos. De qualquer modo, foram 2 filhos, Johann Joseph e Lorenz, que juntamente com o seu pai e a sua mãe Úrsula, foram para Portugal. Em Março de 1739 o irmão mais velho de Eder, Benedikt, morreu com a idade de 47 anos em Schleichach. Johann Eder responsabilizou-se pelos dois filhos de Benedikt e levou-os consigo na viagem. Assim, a família contava com pelo menos 6 pessoas, dois adultos e quatro jovens, que deveriam de ter entre 15 e 20 anos de idade. Provavelmente existiam mais crianças que fizeram o caminho para Portugal junto com seus pais, e tios.

Em 1740 nós encontramos Johann Eder na Real Fábrica de Vidros de Coima, ao sul de Lisboa, como mestre do vidro.⁵⁹ Eder trabalhava ali juntamente com os seus 2 filhos, Johann Joseph e Lorenz, assim como com os seus sobrinhos Adam e Balthasar Eder. Os Eders eram registados nos documentos portugueses como Eder ou Edra, ou ainda Hedra. O último termo aproxima-se da forma Ederer, sem H, visto que este não é pronunciado na língua portuguesa. Esta forma para Eder também se encontrava na origem alemã.

Adam Edra Weeks Work			
330	forro da fábrica	220	16 1/2
198	de forro	236	5 1/2
182	de forro	246	A
54	de forro	256	1 1/2
56	de forro	256	1
27	Balthasar Eders	292	2 1/4
9	Francisco Pereira de ...	29	1
		236.46	31 2/4

Fig. 7: Adam Edra (Eder), livro de contabilidade de 1757, Marinha Grande.⁶⁰

A família de vidreiros Müller/Miller

Havia na colónia de vidreiros em Coima também uma família Miller. “Valentin Miller” ou “Milla” era casado com “Margarida Hedra” (Eder),⁶¹ cujo parentesco com os outros Eders ainda não pode ser esclarecido. Este Valentin Miller pode ser um neto do famoso mestre vidreiro Michael Müller, que morreu em 1709. Michael era mestre da fábrica de vidro em Helmbachhütte perto de Winterberg,⁶² na Boémia ocidental, e entrou na história do vidro como um dos

⁵⁹ Ver CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7, p. 137.

⁶⁰ Ver CORREIA, Fábrica, nota 10, p. 56, Publicado com a permissão do Prof. Joaquim Correia.

⁶¹ Ibidem, p. 58.

⁶² Actualmente: Vimperk, ver MITTELHAMMER, Standorte, nota 2, p. 55.

inventores do chamado “Cristal da Boémia”. O seu filho Valentin, falecido em 1720, teve um filho com o mesmo nome. Este Valentin Hilarius Müller nasceu em 1704 e aprendeu a arte da fabricação do vidro com o mestre vidreiro Georg Högl em Neudorf. Depois disso, perdemos o seu rasto.⁶³ Sua identidade com o tal Valentin Müller que se encontrava em Portugal no ano de 1744 não pode ser comprovada, mas, por causa da raridade do seu primeiro nome, é de se presumir que a sua provável linhagem ilustre também se conforma ao facto de que Valentin Müller serviu como 1º mestre tanto em Coina como na Marinha Grande sob a direcção de John Beare.⁶⁴

Em Coina foram detectados dois dos filhos de Valentin Müller: João e António. O tal Francisco Miller que aparece em 1744 em Coina como aprendiz trata-se de um sobrinho de Valentin Müller.⁶⁵ Com excepção de António, podemos encontrar todos os nomes citados após a transferência para a Marinha Grande. Valentin Müller aparece no livro de contabilidade de 1758 como mestre, técnico responsável da fábrica de vidro, tendo o maior salário.⁶⁶ Possivelmente Valentin era parente dos vidreiros com este sobrenome que actuavam em Schleichach, dos quais a esposa de Ulrich Hahn descendia.

Outros vidreiros alemães em Coina e Marinha Grande

Ao lado das famílias Hahn, Eder e Müller encontravam-se em Coina outros alemães. Entre eles, Johann Georg Hoffer. Também eles podiam ter laços profissionais com Eder e Hahn antes da sua emigração. Um vidreiro com este sobrenome, Franz Michael Hoffer, nascido em 1716 em Solnhofen (Altmühltal), possivelmente um irmão de Johann Georg Hoffer, trabalhou tal como Eder e Hahn em Schleichach, e posteriormente em Spessart com Scheinast, que, por sua vez, vinha de Rothenbügl.⁶⁷ Outro indício para uma ligação entre o Johann Georg Hoffer de Portugal e o de Schleichach é o facto que o nome de baptismo Johann Georg também foi encontrado na família de Franz Michael Hoffer.

Por detrás do nome transcrito como Jacob Fusques pode estar Jakob Fuchs, que foi detectado até 1738 em Schleichach⁶⁸ e, sendo assim possível, a sua emigração para Portugal no ano de 1740. A família Fuchs (Fux) forneceu os mestres da fábrica de vidro em Irlbrunn por muitos anos.

⁶³ Ver BLAU, Glasmacher, nota 2, p. 161.

⁶⁴ Ver CORREIA, Fábrica, nota 10, p. 56.

⁶⁵ Ibidem, p. 58.

⁶⁶ Ver CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7, p. 243.

⁶⁷ Werner LOIBL, Franz Michael Hoffer (1716–1789) und seine Sohne, em: Mainfränkisches Jahrbuch für Geschichte und Kunst 56 (2004), p. 180-209.

⁶⁸ Ver LOIBL, (Fabrik-)Schleichach, nota 3, p. 526-527.

Para os restantes alemães na folha de pagamento das fábricas de vidro de Coina e Marinha Grande não há registos biográficos ou genealógicos disponíveis. Eles não puderam ser encaixados em nenhuma família de vidreiros conhecida, e não se sabe de quais fábricas de vidro alemãs vieram.⁶⁹ Juntamente com os vidreiros alemães empregados nas fábricas de vidro de Coina e Marinha Grande havia outros trabalhadores estrangeiros: ingleses, flamengos, catalães, venezianos e de outras origens.

270 anos da tradição bávara de vidros em Portugal

Os imigrantes da Baviera pertenciam, desde o começo, ao resistente rol da guilda dos vidreiros em Coina e Marinha Grande. Descendentes de Johann Hahn ou João Gallo, como foi chamado mais tarde, permaneceram fiéis à sua vocação e trabalharam nas várias fábricas de vidro de Marinha Grande, até que um deles, Ricardo Gallo (1861 – 1912), fundou sua própria fábrica de vidro no ano de 1899. Ela ainda hoje funciona sob seu nome. O seu bisneto, o dirigente actual da empresa, Victor Manuel Gallo, representa a sétima geração desta dinastia de vidreiros desde sua chegada a solo português há 270 anos.



Fig. 8: Logo actual da Gallo Vidro⁷⁰

Considerações interessantes

As redes familiares dos vidreiros e dos regentes europeus não eram tão diferentes, o que nos leva a considerações importantes sobre as ligações que podem ter existido. Assim, o rei Dom João V de Portugal era, por parte da sua mãe, Maria Sophie, um neto do Conde-

⁶⁹ Para mais detalhes ver anexo: Outros vidreiros alemães em Coina e Marinha Grande.

⁷⁰ Publicado com a permissão do Sr. Victor Manuel Gallo, Lisboa.

Palatino Philipp Wilhelm de Palatinado-Neuburg. Este Conde-Palatino havia fundado em 1665 a fábrica de vidro de Rothenbügl, terra natal dos vidreiros Eder e Hahn. O neto, Rei Dom João V, fundou em 1719 a fábrica de vidro portuguesa de Coina e empregou ali vidreiros de Rothenbügl. Fica aberta a questão se os participantes estavam cientes dessas conexões ou até mesmo se elas foram intencionalmente provocadas.

Espanha

Como já foi descrito acima, a maioria dos vidreiros alemães empregados em Coina em 1747, acompanharam a bem-sucedida transferência da produção de vidro para Marinha Grande sob John Beare. Uma exceção aconteceu com os Eder. Somente Adam Eder, o sobrinho de Johann Eder, encontrava-se ali até ao ano de 1757 como “mestre do cristal”,⁷¹ mas porém do seu irmão Balthasar, não se encontrou nenhuma pista. Johann Eder mudou-se com a sua esposa Úrsula e os seus filhos adultos Johann Joseph e Lorenz. Em 1750 encontramos-os em Espanha.

La Granja de San Ildefonso

No ano de 1700, Dom Filipe V (1683–1746) foi proclamado rei da Espanha. Ele foi o primeiro Bourbon a ocupar o trono espanhol, em torno do qual se culminou a guerra de sucessão espanhola, que levou a miséria até à Baviera e – para continuar no tema dos vidreiros – contribuiu indirectamente para a fundação da fábrica de vidro de Irlbrunn.⁷² A mãe do rei era Maria Anna da Baviera (1660–1690), a filha do príncipe-eleitor Ferdinand Maria da Baviera (1636–1679). Dom Filipe V nasceu em Versailles, cujo palácio abrigava a mundialmente famosa galeria de espelhos, cujas peças foram feitas na fábrica de vidro fundada pelo avô de Dom Filipe, Luís XIV (1638–1715). Sobre esta fábrica de vidro, chamada mais tarde de Companhia de Saint Gobain, falaremos mais tarde.

Dom Filipe V foi quem ergueu uma fábrica real de vidro, chamada de “Real Fábrica de Cristales”. Como local de construção foi escolhido a pequena La Granja de San Ildefonso, a cerca de 80 km a noroeste de Madrid. O local remete a uma granja de um mosteiro baptizado segundo Santo Ildefonso. Em 1720, Dom Filipe V comprou esta granja para erguer um palácio que serviria no futuro como residência de verão dos reis espanhóis. O palácio e o seu jardim barroco são propriedade do estado e é acessível à população. Não muito longe dali

⁷¹ Ver CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7, p. 243.

⁷² Ver Georg PAULUS, Die Geschichte der Glashütte Irlbrunn, Schriftenreihe der Weltenburger Akademie 2.30, Abensberg 2011; em tradução portuguesa: A História da Fábrica de Vidro de Irlbrunn, www.heimatforschung-regensburg.de.

está o prédio da antiga fábrica de vidro. La Granja de San Ildefonso teve o seu nome abreviado para “La Granja” ou “San Ildefonso”.

O objectivo mercantilista da intensificação e concentração de indústria de vidro a nível local era, como no caso de Portugal, tornar o país independente dos vidros importados e poupar divisas. A ideia de ganho de prestígio para a casa reinante também teve seu papel.

San Ildefonso fica para lá das montanhas castelhanas, que podem ser vistas de Madrid, estando a 1.200 metros acima do nível do mar, a duas horas de caminho da cidade de Segóvia, na base da Sierra de Guadarrama, que separa as províncias de Segóvia e Madrid, e que tem o seu ponto mais alto a 2.430 metros.

O suprimento de energia para a nova fábrica de vidro era garantido pelas florestas de pinheiros dos montes de Valsaín, uma região com mais de 10.000 ha de área, onde existiam extensas florestas de pinheiros situadas entre 1.200 e 1.900 metros acima do nível do mar. Os vidros produzidos em San Ildefonso iam para Madrid pelas passagens da Sierra de Guadarrama, cujos cumes se situavam entre os 1.511 e os 1.858 metros.

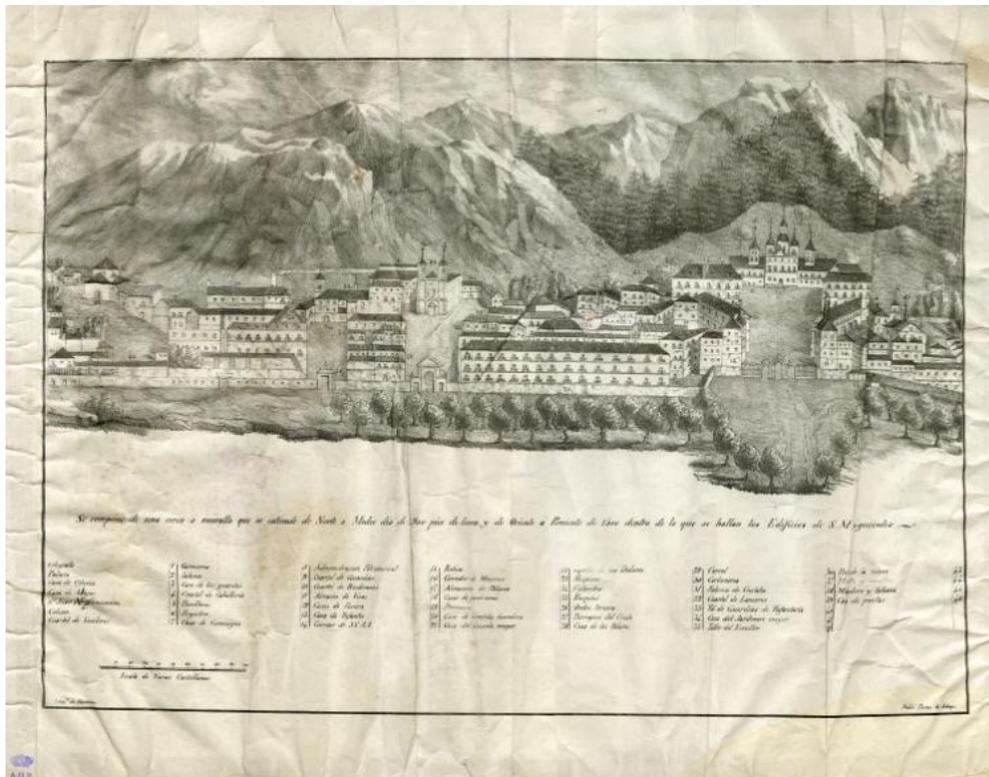


Fig. 9: Vista histórica de La Granja de San Ildefonso com a Sierra de Guadarrama (litografia, primeira metade do século XIX)⁷³

⁷³ Archivo General de Palacio, Madrid, plano 844; Copyright Patrimonio Nacional.

A família de vidreiros Eder em Espanha

Em 1727 foi iniciada a produção de vidro em San Ildefonso. Certamente os dez primeiros anos foram uma fase experimental.⁷⁴ A partir de 1747 foi adicionado ao pessoal da manufactura real um significativo número de artífices estrangeiros. Entre eles estava um grupo de vidreiros alemães que chegaram a San Ildefonso em Setembro de 1750. Ali também estava a família Eder, composta por “Juan” (“Maestro Principal”), a sua esposa Úrsula e os seus dois filhos, “José” e “Lorenzo”. Esta família está na base da fundação da “Fábrica de Entrefinos o de Alemanes” em San Ildefonso e da reestruturação da produção de vidro local, que finalmente foi dividida em três empresas especializadas.⁷⁵ Até a data exacta da chegada da família Eder foi registada. Eles chegaram a La Granja de San Ildefonso na terça-feira, dia 22 de Setembro de 1750.⁷⁶ Foram acompanhados pelo seu próprio padre confessor que servia como intérprete aos Eder.⁷⁷

Nós reconhecemos aqui a família Eder que, dez anos antes, havia emigrado para Portugal, mas que ali permaneceu por pouco tempo. A data em que Johann Eder com sua família deixou Portugal e os motivos que os levaram a isso ainda não podem ser esclarecidos. Muito menos sabemos os caminhos que seguiram, se voltaram para a Alemanha ou se foram imediatamente para outro país. Segundo as fontes espanholas, ele foi recrutado em Paris no ano de 1750 pelo dirigente da manufactura real de San Ildefonso, Antonio Berger,⁷⁸ que era originário de França. Este Antonio Berger tinha a missão de recrutar mão-de-obra estrangeira e, por isso, havia viajado para França. Ali ele conseguiu principalmente vidreiros franceses para a produção de vidro espanhol, assim como Eder e outros especialistas alemães. Onde Johann Eder e os seus filhos estavam até ao momento da contratação, infelizmente tem que ficar em aberto.

Se ainda fosse necessária mais uma prova da origem de Johann Eder, então poderíamos ver nos registos de arquivo que uma de suas primeiras acções depois de chegar em San Ildefonso foi pedir uma permissão para fabricar cerveja. Naquela época não era usual beber cerveja em Espanha e Eder havia trazido consigo uma quantia considerável de lúpulo, provavelmente por ter sentido falta de cerveja em Portugal. A permissão foi imediatamente concedida, e, portanto, foi garantido o suprimento deste “meio de produção” ao vidreiro bávaro.⁷⁹ A fabricação de cerveja foi aprendida, possivelmente, com o cervejeiro de Painten,

⁷⁴ Paloma PASTOR REY DE VIÑAS, Historia de la Real Fábrica de Cristales de San Ildefonso durante la Epoca de la Ilustración (1727–1810), San Ildefonso 1994, p. 11.

⁷⁵ Ibidem, p. 14-15.

⁷⁶ Ibidem, p. 149.

⁷⁷ Comunicação pessoal da Dr.^a Paloma Pastor Rey de Viñas, directora do „Museo Tecnológico del Vidrio“, San Ildefonso.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem.

Georg Mayr que além de cervejeiro também era padrinho de baptismo dos Eder, entre outros, de Johann Joseph.

Johann Eder contava 56 anos à chegada a Espanha e conseguiu dirigir novamente uma fábrica após as suas experiências mal-sucedidas em Bergreichenstein e em Eisfeld. Os Eder ocuparam-se provisoriamente na fabricação de vidro plano até que ficasse pronta a terceira fábrica que fora construída especialmente para eles e para os colegas alemães que os acompanhavam, a “Fábrica de Entrefinos”. No extensivo trabalho sobre a história da Real Fábrica de Cristales, da Dra. Paloma Pastor⁸⁰, o trabalho desta família foi detalhadamente investigado, pelo que, segue-se um trecho do seu trabalho.⁸¹

“A rígida organização do trabalho dos artífices alemães, que estavam acostumados a uma vida disciplinada, diferenciava-se do modo de vida relaxado e desordenado de alguns artífices franceses, sobretudo de Dionisio Sibert.⁸² Esta situação deu motivo para comparações hostis entre uma fábrica de vidro e a outra o que impelia os mestres de fábrica de vidro de ambos os lados a uma disputa artística. Os artífices alemães introduziram uma grande variedade de formas e moldes vindos da Boémia na manufactura de San Ildefonso. A sua técnica de trabalho no forno, suas ferramentas e aparatos, assim como sua mistura de vidros, diferenciavam-se visivelmente das dos espanhóis e franceses. Os seus fornos e os seus sopradores eram de dimensões menores, o seu vidro era mais firme e, consequentemente mais durável do que o dos franceses. Além disso, a sua técnica de fundição de vidro necessitava menor tempo, o que representava economia de lenha. Segue-se a lista de materiais que o mestre vidreiro Eder precisava para sua Fábrica de Entrefinos num ano:

<u>Material</u>	<u>Quantidade</u>
Arsénio	84 arrobas ⁸³
Antimónio	10 arrobas
Salitre	100 arrobas
Bórax	2 arrobas
Pólvora Azul ⁸⁴	10 arrobas
Álcool	4 arrobas
Carbonato de chumbo de Valência	4 arrobas
Calcário	200 quintais ⁸⁵

⁸⁰ Ver PASTOR REY DE VIÑAS, Historia, nota 74.

⁸¹ Ibidem, p. 149-150.

⁸² Dionisio Sibert foi responsável da fábrica de vidro plano em San Ildefonso.

⁸³ 1 arroba = ca. 11,5 kg; Ver PASTOR REY DE VIÑAS, Historia, nota 74, p. 149.

⁸⁴ Ferricianeto de potássio.

⁸⁵ 1 Quintal = 100 libras = 4 arrobas = 46 kg.

A manufactura dos alemães foi designada desde o começo como “Fábrica de Entrefinos”, de onde se podia presumir que ali se fabricava um vidro de melhor qualidade. Um ingrediente básico dos vidros entrefinos alemães era o salitre, usado no lugar do mínio. O uso do salitre fez com que os custos de produção diminuíssem enormemente. Os sopradores de vidro da Fábrica de Entrefinos produziam vidros planos de dimensões menores, folhas (até 36x24 polegadas francesas⁸⁶) destinados a janelas, quadros e carruagens, assim como uma grande variedade de recipientes, que tinham uma popularidade notável entre os clientes. Também eram produzidas taças finas e comuns, lanternas e frascos.”⁸⁷

Porém, Johann Eder não pode tirar partido da sua carreira em Espanha por muito tempo, morreu em 6 de Julho de 1753,⁸⁸ aos 59 anos de idade. Apesar disso, deixou os alicerces para o sucesso económico do seu filho Johann Joseph, que se tornou imediatamente sucessor de seu pai no posto de mestre de fábrica de vidro.⁸⁹

José Eder, como era chamado, havia-se casado em San Ildefonso, sendo sua esposa Isabela, uma filha de Dionísio Sibert, o supervisor francês da produção de vidros planos. Em 1764 – Eder tinha 41 anos de idade – tornou-se sucessor do seu sogro e supervisionava, também, a Fábrica de Cristais Planos.⁹⁰ Eram produzidos ali espelhos de dimensões até 3,58 m x 1,95 m.⁹¹ Do tempo da manufactura de vidros planos sob supervisão de José Eder existe uma listagem detalhada das tarefas executadas e para onde os produtos produzidos seriam encaminhados.⁹² Entre outras coisas, ali estavam os espelhos para o salão do trono do palácio real em Madrid,⁹³ que podem ser apreciados ainda hoje. José dirigiu ambas as empresas até o dia da sua morte. Faleceu em San Ildefonso com a mesma idade de seu pai, 59 anos, no dia 21 de Março de 1782.⁹⁴

No tempo de Johann e Joseph Eder a produção de vidro em Espanha atingiu o seu pico artístico como relata a literatura técnica relacionada: *“No século XVIII todas as manufacturas de vidro da Espanha foram ofuscadas pela Real Fábrica de Cristais de La Granja de San Ildefonso, que se movia sobre os trilhos da arte do vidro barroco dos boêmios, alemães e franceses.”*⁹⁵

⁸⁶ 1 polegada francesa = 2,7 cm.

⁸⁷ PASTOR REY DE VIÑAS, Historia, nota 74, p. 149-150.

⁸⁸ Ibidem, p. 150.

⁸⁹ Ibidem, p. 150.

⁹⁰ Ibidem, p. 50.

⁹¹ Ibidem, p. 50-65.

⁹² Ibidem, p. 62-65.

⁹³ Ibidem, p. 50-65.

⁹⁴ Ibidem, p. 150.

⁹⁵ Olga DRAHOTOVÁ – Gabriel URBÁNEK, Europäisches Glas, Hanau 1984, p. 68.

A fábrica de vidro de San Ildefonso

San Ildefonso possui um palácio em estilo barroco que é hoje um monumento histórico. Foram preservadas várias construções do tempo de Johann e Joseph Eder, entre eles o prédio da Fábrica de Entrefinos, dirigida por Johann Eder a partir do ano de 1750. É um monumento proeminente a fábrica construída entre os anos de 1770 e 1784 pelo mestre-de-obras do rei Dom Carlos III, José Diaz conhecido por Gamones. Esta foi completamente preservada e serve hoje como um dos mais importantes exemplos da arquitectura industrial europeia do século XVIII. Trata-se de uma instalação clássica de forma rectangular de 178 x 132 metros. Neste complexo singular, os antigos prédios utilizados na produção de vidros e acomodação dos vidreiros agrupavam-se em redor de um grande pátio interno.⁹⁶

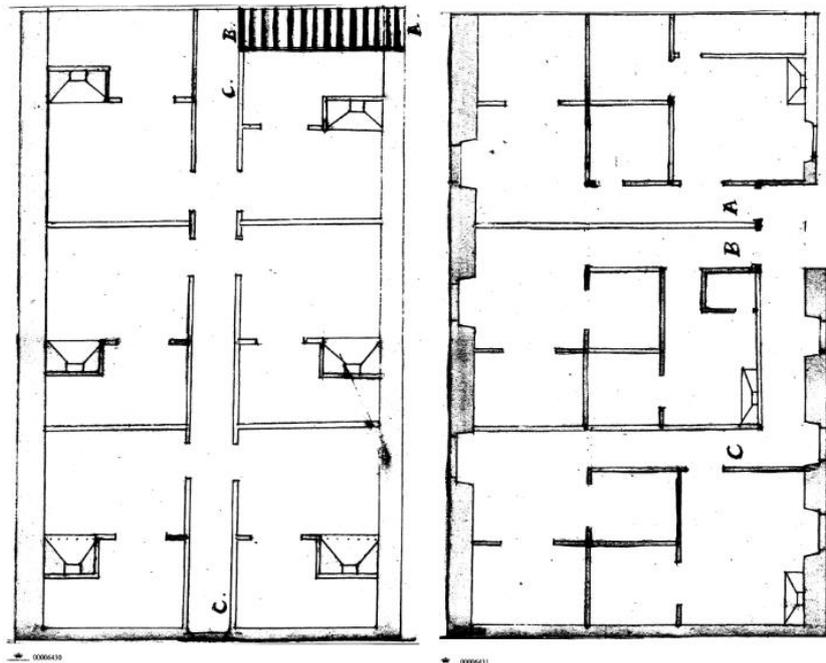


Fig. 10: Planta das moradias dos vidreiros em San Ildefonso, 1771.⁹⁷

Após sua privatização e uma queda na produção no século XIX, a fábrica encerrou no ano de 1880, até que foi retomada em 1911 como empresa organizada como cooperativa. No ano de 1917 a Fábrica de Vidro de La Granja foi incorporada pela firma francesa Saint Gobain, um dos grupos industriais mais antigos do mundo. Este grupo teve a sua origem numa fábrica de vidro para espelhos fundada no reinado de Luiz XIV em 1665.⁹⁸ A Saint Gobain arrecada actualmente em La Granja uma soma anual de mais de 80 milhões de euros com a produção de garrafas, isolantes e blocos de vidro. Promove-se na sua página na internet com a frase: “La Granja. 250 años fabricando vidrio”.

⁹⁶ http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Fábrica_de_Cristales (31-01-2010).

⁹⁷ Archivo General de Palacio, Madrid; Real Fábrica de Cristales, caja 125; Copyright Patrimonio Nacional.

⁹⁸ Claude PRIS, La Manufacture Royale des Glaces de Saint-Gobain, Lille 1975.

O complexo, construído no reinado de Carlos III produziu até 1972. Na parte final, serviu para a produção de lã de vidro. Depois disso, a produção de vidro em San Ildefonso foi totalmente transferida para outros edifícios. A antiga fábrica esteve vaga durante cerca de dez anos, até a criação da Fundação "Centro Nacional de vidro", que deu uma nova utilização para o complexo. Hoje, o complexo da antiga fábrica dá abrigo a um museu do vidro, uma escola de vidro e um centro de investigação de vidro.



Fig. 11: Vista aérea da Real Fábrica de Cristais de San Ildefonso, erguida entre 1770 e 1784.

Foto de meados do século XX.⁹⁹

A capela de São João Nepomuceno

Além dos seus sucessos como artífices do vidro, os Eder também são lembrados em San Ildefonso pela sua religiosidade. É nos relatado que eles eram grandes devotos de São João Nepomuceno.¹⁰⁰ Uma tradição que provavelmente remonta a Johann Eder “pai”, falecido em 1723 em Rothenbügl, e que deve ser vista como reminiscência da sua origem boêmia, que não foi esquecida em Portugal e Espanha, e que ainda é celebrada.

Uma testemunha desta devoção é a capela de São João Nepomuceno, em San Ildefonso. A capela actual veio substituir a que havia sido erguida por José Eder. Em 1766 os vidreiros alemães de San Ildefonso constituíram uma comunidade em honra do mártir, a Congregação de São João Nepomuceno, a qual teve vários membros ilustres no decorrer do tempo, como o Duque de Alba e nada mais nada menos do que o rei espanhol Dom Carlos III. A

⁹⁹ Archivo Fundación Centro Nacional del Vidrio, San Ildefonso.

¹⁰⁰ Comunicação pessoal da Dr.^a Paloma Pastor Rey de Viñas, San Ildefonso.

capela é hoje secularizada, e encontra-se em propriedade privada onde existe uma galeria de arte.



Fig. 12: A antiga capela de São João Nepomuceno¹⁰¹

Principais motivos para a emigração

Ao nos ocuparmos com a emigração dos vidreiros bávaros para a península ibérica deparamo-nos inevitavelmente com a questão: O que levou esses homens a deixarem a sua terra natal? A Considerar as distâncias que ficaram para trás, que podiam ser mensuradas pelo tempo necessário para percorrê-las, então não há lugar no mundo actual, local tão distante como era Portugal naquela época. Actualmente chega-se a qualquer continente dentro de 24 horas, uma viagem para Portugal no século XVIII durava semanas, mesmo quando era feita por mar. Uma emigração naquele tempo significava, na maioria das vezes, uma despedida permanente.

¹⁰¹ Fotografia: Dr.ª Paloma Pastor Rey de Viñas, 2010.

Infelizmente não há fontes directas nas quais se pode descobrir as razões principais para a emigração, porém, para algumas das famílias citadas acima, pode-se reconstruir as circunstâncias e a partir delas, deduzir o motivo.

No caso dos irmãos Johann Georg e Ulrich Hahn nós sabemos que o primeiro, com o fechar iminente da fábrica de vidro de Irlbrunn, estava prestes a perder o seu emprego como fundidor, isto aos 40 anos de idade. O seu irmão mais velho tinha, possivelmente motivos semelhantes, porque tinha perdido entre 1734 e 1737 o seu emprego em Schleichach, onde havia sido reduzida a produção de vidro oco. Na sua cidade natal, Rothenbügl, Ulrich encontrou uma nova ocupação como soprador de vidro, mas não sabemos o quão certo era esse emprego e, acima de tudo, nós não sabemos quais as perspectivas profissionais que tinha para os seus filhos adolescentes. Na ocasião da emigração eles tinham 15 e 13 anos, sendo esta uma idade na qual eles necessitavam de pelo menos, um posto de aprendiz.

Inequívoca era a situação de Johann Eder, o qual, no meio dos seus 40 anos, encontrava-se em fuga pela dívida do arrendamento da fábrica de vidro boémia de Vogelsang. Ele tinha claramente a qualificação para ser mestre de fábrica de vidro, mas como fugitivo ele tinha motivos maiores para tentar sua sorte no exterior. Com a morte do seu irmão Benedikt, ainda adoptou os seus sobrinhos. Portugal não ofereceu somente a si mesmo a oportunidade de um novo começo, mas também aos seus filhos e sobrinhos.

Meios de comunicação e recrutamento

Assim como a questão dos motivos para a emigração, coloca-se a dos meios de comunicação daqueles tempos. Como eles poderiam saber que se necessitava de pessoal qualificado em Portugal estando ainda em Steigerwald ou na floresta de Painten?

Nós sabemos que entre as fábricas de vidro das diferentes regiões da Baviera e da Boémia havia um constante intercâmbio de pessoal, assim como inúmeros laços de parentesco. As redes familiares e de colegas eram a base da comunicação entre as fábricas de vidro. Rothenbügl, a fábrica de vidro da terra natal dos Eders e Hahns, era tida como centro de notícias pela sua posição geográfica. Como nós sabemos através da migração de vidreiros para Rothenbügl, a fábrica de vidro local era uma espécie de elo de ligação por um lado entre as regiões produtoras da Baviera e Boémia e por outro dos centros produtores da Francónia e da Suábia. Além disso, havia a proximidade com a cidade imperial livre Ratisbona, que certamente facilitava a circulação de notícias. Devido à existência permanente do parlamento do império todas as nações europeias possuíam embaixadas ali. Entre elas cer-

tamente havia um enviado da potência territorial e marítima, que era Portugal. Provavelmente os nossos emigrantes ficaram a saber da oportunidade de emprego em Portugal por um recrutador. Nós sabemos através de outros recrutamentos de vidreiros que quando existia abordagem para emigrar, em geral era a mestres vidreiros que já tinham experiência comprovada, a quem se oferecia bonus pelo recrutamento de outros trabalhadores especialistas. O contrato de trabalho era fechado ainda antes da partida e era pago a entrada para o financiamento da viagem.¹⁰²

Os itinerários

Sobre os possíveis itinerários só se pode confiar nos relatos da época, porque entre os vidreiros da Baviera não havia a tradição de fazer este tipo de viagem. Nós não sabemos quais os caminhos que foram percorridos da Alemanha até Portugal. É de se considerar a via marítima, assim como o percurso por terra. Relatos detalhados de comerciantes de vidros da Alemanha e Boémia do começo do século XIX descrevem tais viagens.¹⁰³ Dado que o caminho por terra era feito com custos mais altos, assim como maior gasto de tempo e maiores riscos, é de se aceitar que os nossos vidreiros tenham preferido uma viagem para Lisboa por via marítima, possivelmente a partir de um porto do Mar do Norte. Os vidreiros deviam conhecer os caminhos de viagem pelo menos através de relatos. O comércio de vidro no século XVIII era organizado internacionalmente. Exportações directas ou indirectas para Espanha e Portugal eram comuns nas fábricas de vidro de renome. Pessoas vindas de famílias de vidreiros com reputação haviam se mudado para o comércio de vidro. Em meados do século XVIII nós achamos inúmeros comerciantes boémios de vidro na cidade portuária andaluza de Cádiz, que era tida como a porta para a América, onde era organizado o comércio atlântico, pelo menos com as colónias espanholas. Entre os boémios alemães participantes no comércio internacional em Cádiz encontravam-se, por exemplo, Anton e Joseph Preisler.¹⁰⁴ Eles vinham de uma antiga família de vidreiros que estava também presente em Rothenbügl desde 1681.

Consideração final

As fábricas de vidro de Rothenbügl e Irlbrunn pertencem ao passado há muito tempo. A primeira interrompeu a sua produção no ano de 1878. Irlbrunn já estava fechada desde 1741. A última fábrica de vidro a produzir na floresta de Painten, a de Walddorf, fechou suas por-

¹⁰² Ver Edmund SCHEBEK, *Böhmens Glasindustrie und Glashandel*, Prag 1878.

¹⁰³ Ver Kurt PITROFF (Ed.), *Reise- und Lebensberichte deutsch-böhmischer Glashändler*, Passau 1990.

¹⁰⁴ Ver Klaus WEBER, *Deutsche Kaufleute im Atlantikhandel 1680–1830*, München 2004.

tas em 1932. Mas na Marinha Grande e San Ildefonso ainda se vive a tradição da fabricação de vidro das florestas de Painten e Nossa Senhora!



Fig. 14: Antiga marca comercial da Real Fábrica de Cristais San Ildefonso, Espanha.¹⁰⁵

Anexo

Genealogia dos vidreiros Hahn e Eder emigrados para Portugal

Os nomes das pessoas que vieram a ser visíveis em Portugal e/ou Espanha estão destacados:

1) Genealogia da família de Ulrich Hahn (1695–1746)

Ulrich Hahn, Vidreiro (1695–1746)

Batismo: 07.02.1695 Hema, Naturalidade: Bürgerl

Padrinho: Ulrich Schemerer, Eckertshof

Morte: 1746, Coia, Portugal

Pai: Georg Hahn, cidadão e fazendeiro em Painten, católico romano

Morte: 1734 Painten, sepultado: 1734 Painten

Mãe: Anna, católica romana

¹⁰⁵ Archivo Fundación Centro Nacional del Vidrio, San Ildefonso.

Sepultada: 22.01.1728 Painten

Filho (ilegítimo):

1. Johann Michael Hahn, católico romano

Batismo: 02.02.1720 Painten, Naturalidade: Painten

Morte: 1720

Padrinho: Johann Michael Leuxenring

Mãe: Ursula Berl, católica romana

Casamento: 24.08.1720 Neuschleichach

Margarethe Müller, católica romana

Batismo: 31.05.1694 Neuschleichach

Morte: <1746

Pai: Johann Müller, vidreiro

Morte: 19.12.1719 Neuschleichach

Casamento: 26.12.1673 Rosenberg (perto de Ellwangen)

Mãe: Katharina Glaser

Filhos:

2. Maria Sophia Hahn, católica romana

Naturalidade: 22.02.1723 Schleichach

Madrinha: Sophia Preisler, casada com Joh. Georg Preisler

3. **Johann Michael Hahn**, católico romano

Naturalidade: 23.06.1725 Schleichach

Padrinho: Michael Lamberger

Morte: > 1769

4. **Johann Paul Hahn**, católico romano

Naturalidade: 14.12.1727 Schleichach

Padrinho: J.P.Hetsch

Morte: 12.01.1747, Portugal

5. Katharina Hahn, católica romana

Naturalidade: 15.05.1730 Schleichach

Madrinha: C. Fritsch

6. Johann Paul Ferdinand Hahn, católico romano

Naturalidade: 14.06.1734 Schleichach

Padrinho: J.P.F. Berger, Neuschleichach

7. Ulrich Sebastian Hahn, católico romano

Batismo: 20.01.1737 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Ulrich Fux, casado com Benigna Felicitas, Irlbrunn

2) Genealogia da família de Johann Georg Hahn (Nascimento: 1700)

Johann Georg Hahn, católico romano

Naturalidade: Painten

Batismo: 17.08.1700 Painten

Padrinho: Johann Landfried, Aichkirchen

Morte: >1768

Pai: Georg Hahn, cidadão e fazendeiro em Painten, católico romano

Morte: 1734 Painten

Sepultado: 1734 Painten

Mãe: Anna, católica romana

Sepultada: 22.01.1728 Painten

Casamento: 15.07.1732 Painten

Anna Maria Lehner, católica romana, Viehhausen

Pai: Johann Lehner, católico romano, Viehhausen

Mãe: Barbara, católica romana

Filhos:

1. Johann Michael Hahn, católico romano

Batismo: 01.03.1733 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Johann Michael Straus

2. Johann Michael Hahn, católico romano

Batismo: 29.11.1734 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Johann Michael Straus

3. **Johann Hahn**, católico romano

Batismo: 09.04.1739 Painten, Naturalidade: Irlbrunn

Padrinhos: Johann Gos, operarius, Irlbrunn

Falecimento: >1768

3) Genealogia da família de Johann Eder “Pai” (cerca de 1640/50–1723)

Johann Eder “pai” (cerca de 1640/50-1723)

Naturalidade: cerca de 1640/50 Heilbrunn, Boémia do Sul

Sepultado: 14.06.1723 Painten, Falecimento: Rothenbügl

Pai: Lorenz Eder

Mãe: Magdalena

1° Casamento:

Casamento: 20.11.1672 Painten

Testemunhas: Christoph Neurath; Martin Lieb

Barbara Degenmayer, católica romana

Sepultada: 28.01.1690 em Painten, Falecimento: Rothenbügl

Pai: Michael Degenmayer, Mestre Vidreiro, católico romano

Sepultado: 15.10.1690 Painten, Falecimento: Rothenbügl

Mãe: Walburga, católica romana

Sepultada: 25.01.1691 Painten, Falecimento: Rothenbügl

Filhos:

1. Johann Eder, católico romano

Batismo: 15.08.1673 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Dominus Johannes Brandt, Burgomestre de Painten

2. Johann Ulrich Eder, católico romano

Batismo: 28.04.1675 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Ulrich Scherübl, Lautersee

3. Jakob Eder, católico romano

Batismo: 11.07.1676 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Jakob, cidadão de Painten

4. Maria Eder, católica romana

Batismo: 14.04.1678 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Maria, casada com Georg Neumaier

5. Philipp Eder, católico romano

Batismo: 06.03.1680 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Philipp

Falecimento: 1680 Rothenbügl

6. Eva Eder, católica romana

Batismo: 22.03.1681 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Eva, casada com Jakob Dorner, Painten

7. Walburga Eder, católica romana

Batismo: 25.04.1684 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Eva, casada com Jakob Dorner, Painten

8. Lorenz Eder, católico romano

Batismo: 14.08.1686 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Jakob Dorner, casado com Eva, Painten

9. Michael Jakob Eder, católico romano

Batismo: 23.01.1690 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Jakob Dorner, casado com Eva, Painten

2° Casamento

Casamento: 25.06.1691 Painten

Testemunhas: Johann Eisvogel; Georg Degenmayer, Painten; Johann Forchamer; Gallus Eberl

Margarethe Ittel, católica romana

Naturalidade: Neunburg vorm Wald

Pai: Johann Ittel, católico romano

Mãe: Barbara, católica romana

Filhos:

10. Benedikt Eder, católico romano

Batismo: 13.03.1692 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Jakob Dorner, cidadão de Painten

Falecimento: 30.03.1739 Schleichach

11. **Johann Eder**, católico romano

Batismo: 24.05.1694 Lam

Naturalidade: Eisenstein?

Falecimento: 06.07.1753 Espanha

12. Anna Maria Eder, católica romana

Batismo: 16.07.1696 Eisenstein

Naturalidade: Eisenstein

Falecimento: 1755 Rothenbügl

13. Anna Eder, católica romana

Batismo: 06.11.1699 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Eva, casada com Jakob Dorner, cidadão de Painten

14. Matthias Eder, católico romano

Batismo: 11.09.1704 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Jakob Dorner, casado com Eva, Painten

Falecimento: 1704

15. Walburga Eder, católica romana

Batismo: 07.04.1706 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Walburga, casada com Michael Fridl, Rothenbügl

16. Johann Eder, católico romano

Naturalidade: cerca de 1707 Rothenbügl

4) Genealogia da família de Johann Eder “Filho” (1694–1753)

Johann Eder “Filho”, Vidreiro, católico romano (1694–1753)

Batismo: 24.05.1694 Lam

Naturalidade: Eisenstein?

Falecimento: 06.07.1753 Espanha

Pai: Johann Eder, Vidreiro, católico romano

Naturalidade: Heilbrunn, Boémia do Sul

Sepultado: 14.06.1723 Painten, Falecimento: Rothenbügl

Mãe: Margarethe Ittel, católica romana

Naturalidade: Neunburg vorm Wald

Casamento: **Ursula**

Filhos:

1. Johann Michael Eder, católico romano

Batismo: 17.09.1718 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Georg Mayr

2. Maria Margaretha Eder, católica romana

Batismo: 02.04.1721 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Madrinha: Margaretha Mayr

3. **Johann Joseph Eder (José)**, católico romano

Batismo: 04.03.1723 Painten, Naturalidade: Rothenbügl

Padrinho: Johann Georg Mayr, cervejeiro em Painten

Falecimento: 21.03.1782 La Granja de San Ildefonso, Espanha

4. **Lorenz Eder**, católico romano

Naturalidade: >1723

Falecimento: >1750

Outros vidreiros alemães em Coima e Marinha Grande, Portugal¹⁰⁶

Fusques, Jacob

da „Boémia“, Vidreiro em Coima;

Hoffer, João George

Fonte documental: 1744, Mestre em Coima; 1756–58 em Marinha Grande;

Kibolseque, Christian

Fonte documental: 1740–1745, Vidreiro em Coima;

Knee, Hans

Fonte documental: 1744, Mestre em Coima; 1756–1758, Marinha Grande;

Meyer, Alberto

Fonte documental: 1744, Coima; 1756, Marinha Grande;

Meyer, Catarina / Catherina

Fonte documental: 1744, Empacotadora em Coima; 1756–1758, Empacotadora em Marinha Grande;

Meyer, João

Fonte documental: 1744, Coima; 1756–1758, Marinha Grande;

Paur, Antonio

Fonte documental: 1740, Mestre em Coima;

Pergmena, Lourenço

Fonte documental: 1743, Coima; (Filho de Tuvitzi Pergmena e Anna Pergmena);

Outros vidreiros alemães em La Granja de San Ildefonso, Espanha

Irmãos Brum (Enrique, Daniel, Juan e Segismundo), do Bispado de Osnabrück;

Fonte documental: San Ildefonso, 1751;

¹⁰⁶ Segundo CUSTÓDIO, Real Fábrica, nota 7.

Literatura seleccionada

BLAU, Josef: Die Glasmacher im Böhmer- und Bayerwald, Bd. 2, Kallmünz 1956.

CORREIA, Joaquim: A Fábrica dos Vidros de João Beare na Marinha Grande, Marinha Grande 1999.

CUSTODIO, Jorge: A Real Fábrica de Vidros de Coima (1719–1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII, Lisboa 2002.

HÄUPLER, Hans-Joachim: Die Geschichte der ältesten Glashütten in Eisenstein, in: Minulosti zapadoceškeho kraja, 28, 1992.

LOIBL, Werner: (Fabrik-)Schleichach. Die Geschichte der Glashütte im Steigerwald (1706–1869), Rauhenebrach 2006.

MENDES, José M. Amado – FERREIRA RODRIGUES, Manuel: Ricardo Gallo. Um século de tradição e invocação no vidro, 1899–1999. Marinha Grande 1999.

PASTOR REY DE VIÑAS, Paloma: Historia de la Real Fábrica de Cristales de San Ildefonso durante la Epoca de la Ilustración (1727–1810), San Ildefonso 1994.
